



## XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

### GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

#### FENOMENOLOGIA DA MEDIAÇÃO

#### *PHENOMENOLOGY OF MEDIATION*

Heloá Cristina Camargo de Oliveira. UEL.

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. UNESP.

#### Modalidade: Trabalho Completo

**Resumo:** A fenomenologia traz a possibilidade de encontrar na subjetividade exposta em realidades complexas a objetividade que não pode ser separada do fenômeno, mas que, separada dele, não deixa de ser axioma da relação estabelecida; ela caracteriza, portanto, um norte que visa explorar fenômenos sem desconsiderar uma cadeia fenomenológica que os impacta. O objetivo principal deste trabalho é analisar aspectos da natureza da mediação sob uma visão fenomenológica. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi delineada a partir de uma pesquisa bibliográfica e com apoio e orientações do método Análise Textual Discursiva para análise dos dados. Como resultados, destacam-se: a partir das concepções estudadas (Hegel - perspectiva filosófica; Marx – social; e Vygotsky - psicológica educacional), identificou-se que a atividade de mediar se ancora na busca do impacto no desenvolvimento humano, no âmbito imaterial da consciência e do processo cognitivo humano – carrega características de transformação, evolução e/ou superação, ressaltando a importância de espaços sociais, apropriação, e impactos recíprocos ou reflexivos materiais da mediação.

**Palavras-Chave:** Mediação. Mediação da Informação. Fenomenologia.

**Abstract:** Phenomenology brings the possibility of finding in the subjectivity exposed in complex realities the objectivity that cannot be separated from the phenomenon, but that, separated from it, is still an axiom of the established relationship; it characterizes, therefore, a north that aims to explore phenomena without disregarding a phenomenological chain that impacts them. The main objective of this work is to analyze aspects of the nature of mediation from a phenomenological point of view. The research, of a qualitative nature, was designed from a bibliographic research and with the support and guidelines of the Discursive Textual Analysis method for data analysis. As a result, the following stand out: from the concepts studied (Hegel - philosophical perspective; Marx - social; and Vygotsky - educational psychology), it was identified that the activity of mediating is anchored in the search for impact on human development, in the immaterial scope of consciousness and the human cognitive process – carries characteristics of transformation, evolution and/or overcoming, emphasizing the importance of social spaces, appropriation, and reciprocal or reflexive material impacts of mediation.

**Keywords:** Mediation. Mediation of Information. Phenomenology.



## 1 INTRODUÇÃO

A ciência da informação tem se preocupado com sua atuação enquanto mediadora da informação. Assim, novos estudos no âmbito científico têm se desenvolvido na área em busca de caracterizar e diagnosticar aspectos de atuação e desenvolvimento da mediação na atuação de seus profissionais. As discussões que abarcam o uso do termo mediação e sua aplicabilidade crescem e vislumbram-se conquistas no que tange à clarificação destas discussões.

Várias possibilidades de análise e aplicação da informação, porém, carecem de uma melhor identificação e delimitação dos aspectos envolvidos no conceito de mediação da informação na Ciência da Informação, ressaltando que são impactados por diferentes contextos sociais, culturais, históricos e geográficos. A fenomenologia traz a possibilidade de encontrar na subjetividade exposta em realidades complexas a objetividade que não pode ser separada do fenômeno, mas que, separada dele não deixa de ser axioma da relação estabelecida – caracteriza-se, portanto, como um norte que visa explorar fenômenos sem desconsiderar uma cadeia fenomenológica que o impacta.

Neste trabalho, questiona-se: Qual a real natureza da mediação? Existe apenas uma natureza? O que se buscou é um “ponto de vista” gnosiológico da mediação, para que se possa entender sua abrangência e limites. O Objetivo Geral deste trabalho é, portanto, analisar aspectos da natureza da mediação sob uma visão fenomenológica.

Esse esclarecimento se torna vital pois, a partir dele, é possível ressaltar os pontos desenvolvidos na atuação profissional do ato “intuitivo” de mediar. Neste trabalho o termo “intuitivo” foi utilizado com a intenção de mencionar a mediação utilizada superficialmente, ou seja, sem um desenvolvimento mais elaborado. Ao entender esse possível impacto profissional, pode-se buscar na mediação a resposta para seu desenvolvimento enquanto impulsionador social, constituindo uma ferramenta fortemente influenciadora para a atuação de profissionais da Ciência da Informação.

## 2 FENOMENOLOGIA

A palavra ‘fenômeno’, do grego *phainómenon*, significa “aquilo que aparece”, e se deriva do verbo grego *phainomenai*: “eu apareço”. Apesar dessa relação com “o que aparece”,



com o “brilho”, para a fenomenologia seu conceito tem como âmago o *aparecer*, o próprio fenômeno da consciência, o *fenômeno subjetivo* e compreende, de maneira simultânea, “[...] tanto o *aparecer* quanto *aquilo que aparece*: a relação indissociável entre o *sujeito* e o *mundo*, a *consciência* e seus *objetos*.” Resumidamente, o que na maioria das vezes não se mostra seria então o único “fenômeno” que interessaria, e para identificá-lo é necessário o “retorno à consciência”, não estabelecida por Husserl de maneira abstrata e ingênua, mas usada para explicitar a investigação do próprio acontecimento da consciência. (GALEFFI, 2000, p. 25).

O termo fenomenologia se constrói originalmente de duas palavras gregas: “Fenômeno”, já comentado, e “Logia” que, derivada da palavra logos, tinha muitos significados, entre eles *palavra* e *pensamento*. Coltro esclarece que a fenomenologia “tem como objeto de investigação o fenômeno, ou seja, o que se mostra a si e em si mesmo tal como é.” (2000, p. 39).

Muitos autores trabalharam com diferentes abordagens para o conceito de fenomenologia, mas, conforme Zlatev destaca, assim como Husserl “pediu para ‘voltar para as coisas em si’, é necessário ‘voltar para Husserl’ para entender verdadeiramente o que a fenomenologia é sobre”. (ZLATEV, sem paginação, 2009, tradução nossa).

Husserl traz a fenomenologia dentro de um contexto controverso entre os estudos do conhecimento, numa contraposição de significados e possibilidades de estudo dentro da perspectiva do próprio conhecimento – isto é, a problemática sobre a possibilidade de o conhecimento fazer contato com seu objeto, trazendo à tona as deficiências do *pensamento positivista*, as ineficiências das *abordagens metafísicas* e as incertezas da *dúvida cartesiana*. São as complexidades implicadas aos estudos da percepção, onde o objeto percebido deve ser dado imediatamente – ali está a coisa antes de nossos olhos as perceberem. Eu vejo isso; eu entendo isso. Mas se a percepção nada mais é do que uma experiência que me pertence, do sujeito que percebe – qual a objetividade contida na análise do objeto? (HUSSERL, 1999).

Numa proposta de retorno às “coisas mesmas”, haveria uma superação do discurso metafísico que é considerado especulativo, assim como do raciocínio das ciências positivistas, colocando as pesquisas no “mesmo plano da realidade”. Seria o encontro de uma “via média” em como pensar a natureza e suas nuances, numa nova rigorosidade filosófica que se liberta das antigas tradições e se atenta apenas à realidade em uma perspectiva gnosiológica. (DARTIGUES, 2003).



Assim, ideia da fenomenologia de Husserl nasce na problemática das ciências empíricas, que se referem ao mundo como dado, ao mesmo tempo em que são, elas próprias, elementos do mundo avaliado. Ela, então, não se adequa a nenhuma classificação filosófica já que as antecede, não necessariamente no conceito temporal habitual, mas no de questionamento e avaliação, “acabando” onde todas as demais começam, por sua expressa recusa em aceitar acriticamente muitos pontos de partida por muito tempo inquestionáveis na avaliação filosófica, como por exemplo percepções e fatos biológicos, sociais e ambientais. (SCHUTZ, 1970).

Husserl nos apresenta a fenomenologia como a “doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”. (HUSSERL, 2008, p. 22). Nessa doutrina, o questionamento é apresentado como uma importante base, e amplia-se com base na perspectiva de busca do reconhecimento e entendimento dessas essências. Esclarecendo que o que se busca encontrar por essência é “[...] estabelecer um horizonte dentro do qual o objeto pode variar sem perder sua identidade [...]” (GALLAGHER, 2012, p. 308).

Ainda, segundo Oliveira e Cunha (2008), no processo de descrição a busca de uma visão fenomenológica está imbricada em procedimentos que não sejam “mecânicos”, mas que envolvam o pesquisador como um “encontro social”. Seria o trilhar de um caminho de não cair em procedimentos mecânicos, isso é importante pois “para a fenomenologia nada é objetivo, antes de ter sido subjetivo, ou seja, é a subjetividade que permite alcançar graus de objetividade” (OLIVEIRA; CUNHA, 2008, sem paginação).

Ao trabalhar-se com a perspectiva fenomenológica buscou-se o entendimento da essência do que é o objeto que se busca compreender e suas diferentes expressões em realidades contextuais desse objeto com o meio social estudado, na busca de então poder prever manifestações e limitações desse objeto. No caso dessa pesquisa, especificamente, possibilitou o entendimento dos fatores envolvidos no processo de mediação, suas possíveis variações e assim, abrangências e limitações a partir de uma perspectiva fenomenológica.

### **3 MEDIAÇÃO**

Dentro da perspectiva de se voltar para uma visão da natureza da mediação, neste trabalho foram explorados os conceitos de Hegel, tomado à dialética (BRAGA, 2004), Marx, voltado ao materialismo histórico (SILVA; SILVA; MARTINS, 2005) e Vygotsky, com abordagens



semióticas e psicológicas (MARTINS; MOSER, 2012), que trazem abordagens filosóficas nas quais o Ser apresenta relações mais complexas ao ato de mediar, no sentido de que esses autores levaram a mediação a um patamar mais amplo, partindo da existência e relacionamento estabelecido com o mundo e a cultura.

Hegel, em discussões que culminaram em desenvolvimentos teóricos que desembocam no que são considerados estudos do imaginário e pós-modernismo crítico, apresenta em sua obra *A Fenomenologia do Espírito* ([1807]) discussões e exposições que buscam problematizar e clarificar aspectos da ciência do Ser, passando por aspectos da existência da verdade, do conhecimento, da composição do absoluto, da negatividade, e, entre outros, de como a mediação é vista e usada nesse contexto.

A mediação poderia ser vista, dentro do viés filosófico apresentado por Hegel, como uma mediação de e para si mesmo, na medida em que se busca um desenvolvimento e/ou adequação de si mesmo frente a universalidade e sua significação em um tempo social específico. (HEGEL, [1807]).

Ele usa o conceito também para explorar as concepções do elemento espiritual para a igreja cristã. Em sua obra *Filosophy of History* (2001), Hegel traz o “princípio da mediação” como a “essência do princípio cristão”. Ele explora como o conceito da hóstia que foi tida como objeto de adoração e, posteriormente, questionada durante a reforma Luterana, e ainda assim considerada com valor e de caráter espiritual. As concepções da igreja passariam por outras adaptações da mediação. (HEGEL, 2001).

Já Marx traz a mediação na esfera do trabalho e produção, onde:

O trabalho enquanto produtor de valores-de-uso, enquanto trabalho útil, é, independentemente das formas de sociedade, condição da existência do homem, uma necessidade eterna, o mediador da circulação material entre a natureza e o homem [isto é, da vida humana]. (MARX, 1867, p. 5)

Nos processos explorados por Marx vê-se a possibilidade de rompimento do caráter natural primitivo de sobrevivência pela mediação que acompanha os objetivos da economia. (MARX, 1867; [1859]).

Finalmente, em Vigotski encontra-se a abordagem da mediação dentro do contexto educacional, no qual o autor explora aspectos em atividades práticas, onde “[...] o processo simples estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado [...]” (VYGOTSKY, 1991, p. 30), o permitindo chegar a avaliações de atividades educativas onde, por exemplo, a



criança: “[...] não dominou a lógica interna de usar um estímulo para mediar a resposta a outro [...]”. Vigotski apresenta a inclusão de estímulos em processos de solução de problemas lógicos com crianças, buscando entender como esses estímulos podem ser úteis para a solução de problemas e planejamento de ações futuras. (VYGOTSKY, 1991, p. 50).

Assume-se neste estudo que a mediação existe no mundo *sine qua non*. Ao assumir essa hipótese, é importante ressaltar a diferença entre mediação e relacionamento. É possível esclarecer nesse momento a importância da busca de um **impacto** ao conceito de mediação. Na mediação observa-se a existência de um 1º elemento: sujeito principal (e não necessariamente individual, que será o foco do ato de mediar); um 2º elemento: problema/exigência/necessidade/conflito/desejo (dependendo do contexto envolvido), aliados a um 3º elemento (que figuraria o mediador), estando então esses três elementos envolvidos num processo mediador específico (de informação, de leitura, etc.) que busca um impacto sobre o 2º elemento, e um 4º elemento composto, por assim dizer, que é o produto (não necessariamente físico) mediado propriamente (uma informação, um livro, etc. com a composição do impacto implícito de seu produtor - o autor do livro, por exemplo). Já num processo de relacionamento, haveria uma via de rotina, sem desejo de interferências, identificadas pela semiótica como o campo da primeiridade.

Na vida cotidiana, a mediação estaria presente como habilidade e sendo, portanto, passível de desenvolvimento. Qual seria então o principal diferencial impulsionador do desenvolvimento da mediação? Entende-se a práxis, enquanto envolvimento social, como impulsionador para tal desenvolvimento, sendo o uso do termo “impulsionar” no intuito de salientar que não haveria uma anulação da mediação sem ela, mas sim restrições no seu potencial.

Como exposto anteriormente, o que se busca não é retrabalhar as vertentes de mediação já utilizadas na área, mas sim encontrar um “ponto de vista” gnosiológico da mediação, para que se possa entender sua abrangência na CI, consolidando suas limitações e possibilidades. Vislumbra-se principalmente encontrar respostas relacionadas a possibilidade de explorar a mediação da leitura de mundo.



#### 4 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui natureza qualitativa e caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica com uso da metodologia da Análise Textual Discursiva. Os estudos que buscam debater os conceitos de três autores foram elencados para essa análise: Hegel (visão filosófica), Marx (perspectiva social) e Vigotsky (abordagem psicológica educacional).

Para o desenvolvimento dos pressupostos de mediação, os metadados de pesquisa foram: *mediação* com a variação: AND *Hegel* / AND *Marx* / AND *Vigotski*, em português, espanhol, francês e inglês (havendo tradução dos termos para as respectivas pesquisas nas diferentes línguas), e com filtro nas áreas de *Ciência da Informação*, *Filosofia* e *Educação*. As pesquisas centraram-se nas bases de dados: Portal Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e *E-prints in library and information science* (e-LiS).

Recuperou-se um total de 25 textos e, após um estudo qualitativo inicial, alguns foram retirados da amostra porque não continham nenhum trecho que esclarecesse o conceito abordado e outros, por sua vez, trabalhavam os conceitos na abordagem de mais de um autor e, por isso, foram usados na composição de mais de uma análise. Ao final, 10 textos foram utilizados para a aplicação da ATD.

- GAMA, Z. A categoria da mediação em Hegel, Marx e Gramsci: para suprimir ruídos conceituais. *Ciência & Luta de Classes Digital*, 47, ano I, v. 2, n. 2, p. 46-55.
- CABRERA, T. A mediação histórica e a filosofia do direito em Hegel: entre liberdade e necessidade. *Lex Humana*, 01 December 2012, Vol.4(2), pp.157-168.
- ASSALONE, E. La crítica de la mediación hegeliana en el segundo volumen de Enten-Eller (O lo uno o lo otro) de Søren Kierkegaard: ¿una crítica social? *Las Torres de Lucca: revista internacional de filosofía política*, 2014, Issue 4, p.63-84.
- UMBELINO, J. D. A mediação em Vigotski: reflexões sobre um conceito. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Unicamp, Campinas, 2012. p. 2374-2385.
- ZANOLLA, S. R. S. O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. *Psicol. Soc.*, Abr 2012, vol.24, no.1, p.5-14. ISSN 0102-7182.
- BERNI, R. I. G. Mediação: o conceito Vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica. XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia, 2006. p. 2533-2542.
- FERNANDES, J. F. F.; CARVALHO, M. G.; CAMPOS, E. N. Vigotski e Bakhtin: a ação educacional como projeto dialógico de produção de sentido. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso* [2176-4573] yr:2012 vol:7 iss:2 pg:95 -108.
- PRENKERT, F. Tracing the Roots of Activity Systems Theory An Analysis of the Concept of Mediation. *Theory & Psychology*, 2010 Oct, Vol.20(5), pp.641-665.
- SILVA, Sílvia Maria Cintra Da; ALMEIDA, Célia Maria de Castro; FERREIRA, Sueli. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema. *Psicologia em*



Estudo, 01 June 2011, Vol.16(2), pp.219-228.

- NEVES, B. C. Formação e orientação: aspectos da mediação no universo da inclusão digital. *Inclusão Social*, v. 5, n. 1, p. 44-57, 2011 (Revista-ARTIG).

A escolha da ATD foi ancorada em sua proposta de proporcionar “duas reconstruções concomitantes: 1. do entendimento da ciência e de seus caminhos de produção; 2. do objeto da pesquisa e de sua compreensão” e na argumentação de que ela “cria espaços de reconstrução, envolvendo-se nisto diversificados elementos, especialmente a compreensão dos modos de produção da ciência e reconstruções de significados de fenômenos investigados”. (MORAES; GLIAZZI, 2006, p. 118).

Para analisar os pressupostos de mediação foram estabelecidas unidades de sentido ao *corpus* analisado, por meio do método indutivo, relacionou-se depois as unidades de sentido em categorias, e a partir disso foi possível construir um metatexto que expõe as compreensões obtidas em cada um dos casos. O objetivo da aplicação foi extrair um quadro descritivo moderno da mediação da informação, com possíveis níveis, significações e aplicações, desenvolvidos a partir das concepções dos autores elencados.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: UMA FENOMENOLOGIA DA MEDIAÇÃO

A seguir serão apresentados os pressupostos identificados após a aplicação da ATD em cada um dos autores (Hegel, Marx e Vygotsky):

**Quadro 9 - Metatextos da mediação em Hegel, Marx e Vygotsky.**

<b>Autor</b>	<b>Categorias</b>	<b>Metatexto</b>
Hegel	Espaços sociais; Apropriação; Imaterialidade; Influência da consciência; Mudança; Sentido; Reciprocidade; Vinculação.	A mediação na teoria de Hegel demonstra <b>imaterialidade</b> com impacto na materialidade, abarcando <b>espaços sociais</b> e influenciando a <b>apropriação</b> , destacando o impacto desta na consciência, na atribuição de sentidos e nas próprias <b>mudanças</b> evolutivas, não perdendo um movimento <b>recíproco</b> de significação, <b>vinculando</b> signos.
Marx	Apropriação; Imaterialidade; Materialidade; Objetividade; Relações sociais; Superação; e Transformação.	A mediação na teoria de Marx não abandona os aspectos <b>imateriais</b> de sua influência e apresenta o ressaltar do seu impacto social em contextos <b>materiais</b> , trazendo concepções <b>objetivas</b> de atuação da mediação frente a necessidades de <b>transformação</b> e <b>superação</b> no ambiente e nas <b>relações sociais</b> e da importância da <b>apropriação</b> da realidade nesse processo transformador.
Vygotsky	Apropriação; Autotransformação; Complexidade; Cultura como mediação; Cultura;	Os trabalhos ancorados em Vygotsky apresentam sua teoria de fundamentos psicológicos, <b>imateriais</b> mas <b>reflexivos na materialidade</b> , que priorizam o estudo da mediação no viés do pensamento humano e o seu <b>desenvolvimento</b> , que possibilita a <b>autotransformação</b> , e estabelece zonas que



Desenvolvimento; Homem como signo; Humanidade; Imaterialidade; Interação social; Natureza; Objetivação; Reflexão no ambiente; Relação social; Sentido; Significado; Signos; Superação; Transformação; e Vinculação.	<b>objetivam</b> sua expressão em processos <b>complexos</b> então identificados apenas na <b>natureza humana</b> . Seu trabalho traz a importância das <b>relações sociais</b> e da <b>cultura</b> , e propõe aspectos de desenvolvimento da mediação que proporcionem a <b>superação e transformação, vinculando</b> a mediação com o meio e com a <b>natureza</b> , trabalhando com aspectos de <b>signos, sentidos e significados</b> , apresentando o próprio <b>homem como signo</b> e a <b>cultura como mediação</b> , expressando assim a importância da <b>apropriação</b> frente a <b>interações sociais</b> .
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observou-se, após a junção das análises e construções dos metatextos expostos, que os estudos de mediação demonstram focos diferentes, porém estabelecem relações claras.

Os trabalhos ancorados nas teorias dos três autores investigados trazem o foco do conceito da mediação ao desenvolvimento no âmbito imaterial da consciência e do processo cognitivo humano, atribuindo à mediação uma potencialidade em atingir transformação, evolução e/ou superação, ressaltando a importância de espaços sociais (mesmo que em diferentes perspectivas), da apropriação, e dos impactos recíprocos ou reflexivos materiais da mediação (também com diferentes abordagens).

Mantêm-se, assim, e a partir da tríade teórica norteadora básica elencada, o ressaltar de que a mediação se ancora na busca do impacto no desenvolvimento humano, e que esse desenvolvimento é dependente de interações espaço sociais, e que também é reflexivo.

Assim, suspendendo aspectos que independente do contexto surgiriam (como por exemplo influências anteriores e/ou externas ao processo e interferências por sua inerência), e sem analisar aspectos subjetivos (como bem/mal e positivo/negativo), identificou-se essencialmente um processo que exige uma **interação** entre ao menos dois seres, e um fator de **impacto** sobre ao menos um deles, com **reflexão material**. Observa-se que é um fenômeno essencialmente humano, ancorado em aspectos sociais.

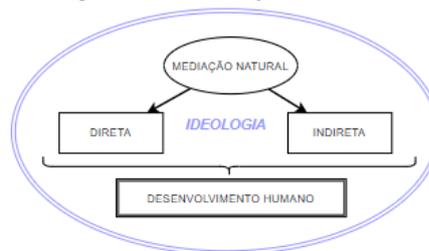
Dentro dos padrões situados, alguns questionamentos foram então elencados e respondidos:

1. Retirando o mediador como pessoa que conscientemente busca um impacto em outro, a mediação ocorre? Não.
2. Retirando o mediador materialmente junto ao outro, o processo ainda ocorre? Sim.
3. Retirando a intencionalidade no impacto no desenvolvimento humano, o processo ainda ocorre? Não.



Reaproximando os fatores essenciais com as possíveis subjetividades, na construção inversa que não desconsidera a essência, e aliada à aspectos materiais de apoio à mediação (tecnologias), pode-se desenhar as seguintes possibilidades de interação dentro da concepção geral de mediação:

**Figura 1 - Mediação natural.**



**Fonte: Elaborada pelos autores.**

A mediação, porquanto, se diferenciaria do processo de comunicação habitual especialmente por sua complexidade que envolve o impacto que busca exercer no desenvolvimento humano, na “espera” de um resultado específico, e não uma “transmissão” padrão comunicacional, cujo esquema seria, como no modelo de Shannon, a relação de transmissão de uma mensagem entre fonte/transmissor/receptor/destino, com uma preocupação ancorada no recebimento da mensagem propriamente, ainda que passível de análises de fatores externos, ruído etc. Esse salto de complexidade se materializa, seja na expressão social, seja na construção do conhecimento que modifica os envolvidos.

A figura 1 visa explicitar que todo o processo se desenha no viés ideológico que permeia a sociedade na qual ele existe. Num primeiro momento esperava-se a inclusão de aspectos que poderiam ser identificados como **natural** (para interações habituais de relacionamento humano) e **artificiais** (para interações construídas, com uso de **tecnologias**), mas essa polarização foi considerada complementar e não exatamente determinante no âmbito da essência do fenômeno, podendo ser incluída em aspectos externos de apoio ao processo pois, ainda que fortemente impactantes, não determinam a possibilidade do mesmo.

Os aspectos de ocorrência **direta** (no âmbito de interrelação pessoal entre todos os seres envolvidos) ou **indireta** (quando essa interrelação não acontece) foram incluídos como determinantes porque, diferentemente do natural/artificial, estaria imerso em todos os processos de mediação, uma vez que sempre haverá a possibilidade de imaterialidade no contato entre seres mediador/leitor, independentemente das questões materiais que



permeiam a sociedade em questão, e levando em consideração que esse aspecto se repete e não o condiciona, ainda que seja necessário já que a existência do mediador consciente em um plano de fundo foi considerado o principal ponto, e não sua posição física propriamente. O processo, independentemente do “caminho” percorrido, culminaria no desenvolvimento humano (aqui exposto em aspecto neutro quanto a valoração desse impacto frente ao indivíduo e/ou sociedade), e ocorre dentro de aspectos ideológicos do espaço socio-temporal no qual se desenvolve e, por isso, optou-se pelo uso do termo leitor, enquanto exposição da característica construtiva cognitiva expressa no ser “foco”, por assim dizer, do processo.

O processo seria dependente do contexto humano, um fenômeno essencialmente humano e, portanto, impossível de existir a partir de uma concretude antropomórfica, porém sem necessidade de contato imediato com o iniciador do processo, isso é – é possível que o mediador não esteja presente durante o processo, mas não é possível que o processo ocorra sem o mediador.

Espera-se que o aspecto da inconsciência pudesse ser inserido no esquema, porém, o caráter da intencionalidade que o conceito de inconsciência carrega fez com que ele precisasse ser excluído das possibilidades de interação já que, sempre que não há a intenção, várias complexidades que culminariam no objetivo de impacto definido na relação se anula ou se condiciona ao acaso – aspectos que não se buscava evidenciar.

Num exemplo prático e simplista desse aspecto excluído, analisou-se que seria como um fenômeno de “exercício *versus* alteração na forma física”: uma pessoa que inicia uma rotina de exercícios buscando uma alteração na forma física passa por etapas e influências de rotinas complementares para conseguir ver, de forma material e inegável, uma alteração nesse corpo; já no caso de uma pessoa cuja rotina de exercícios tenha outro objetivo (como uma mudança de rotina, saúde ou ampliação de interações sociais), ainda é possível inferir que ocorrerão alterações nesse corpo, mas já não no mesmo âmbito do fenômeno anterior, já que nesse caso não se buscava a evidência ou potencialidade desse resultado, deixando-o ao acaso e não como aspecto determinante – a pessoa seguiria com a rotina ainda que não fosse possível uma identificação da mudança corporal expressiva.

Quando o foco do estudo é direcionado para o campo da Ciência da Informação, e atendo-se à mediação da informação como processo complexo, dentro da perspectiva da relação Informação e Sociedade, apresenta-se uma possível exploração do conceito



englobando 4 aspectos principais: **mediador**, **protoinformação**, **forma** e **leitor**, didaticamente aqui representados nessa ordem, mas não se prendendo a ela em um processo linear propriamente, ou seja, na prática a ordem dos fatores pode variar e repetir-se. Esses 4 aspectos podem ser explicados/justificados como:

1. O termo **mediador**, para a Ciência da Informação, carrega em si a intencionalidade de exprimir que a mediação constitui uma ação intencional, que ele tem um norteador, e que não pode ser considerado imparcial pois todo agente não pode se dissociar de sua existência enquanto exerce suas atividades profissionais, nem uma instituição pode se dissociar de suas bases culturais, metas e objetivos. Esse profissional pode atuar em diferentes unidades informacionais, e em diferentes setores. A mediação da informação não se prende a setores de atendimento, mas está presente em todas as fases e setores da organização. (OLIVEIRA, 2015; ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008).
2. O termo **protoinformação** visa sinalizar a importância da apropriação, já que se considera nesse processo que a informação só é informação no momento da apropriação, ou seja, ela se mostra dependente do sujeito e só é assim categorizada (consciente ou inconscientemente) por ele e, portanto, só é possível o trabalho com protoinformações, quais sejam dados consideráveis passíveis de apropriação, de significação. (ALMEIDA JÚNIOR, 2007);
3. O termo **forma** não se prende a questões materiais, mas sim expressa a forma assumida pela mediação, com base na relação protoinformação-leitor que se objetiva, podendo ser expressa em inúmeras variações como, por exemplo, um livro, uma oralidade, um sistema, uma interface, uma apresentação teatral, um prédio, um móvel, etc. O mediador analisará qual a melhor forma que deverá utilizar para promover protoinformações a seus leitores.
4. Finalmente, a escolha do termo **leitor** em substituição a outros mais comumente utilizados na área, como usuário ou frequentador, visa ressaltar que a leitura em sua complexidade está intrinsecamente relacionada à existência humana, não sendo passível, portanto, a ideia de “não leitores”, mas sim leitores de diferentes suportes e aspectos do mundo. Quando uma pessoa tem contato com a forma expressa da mediação, faria então sua leitura, meio pelo qual pode ou não ocorrer a apropriação; a leitura seria então o momento de avaliação e apropriação ou refutação. (OLIVEIRA, 2015).

O entendimento do envolvimento desses quatro pontos de base da mediação da informação na atuação do profissional da área esclarece a abrangência da necessidade de estudos do tema, para que então a prática de mediar possa ser consistente e responsável, pois os pontos perpassam todas as esferas de atuação, e cada um desses aspectos precisam ser considerados na complexidade que carregam.

A falta de diálogo e valorização de todos os aspectos apresentados enquanto complementares justifica porque é tão difícil que a mediação da informação possa ser colocada em prática ética e eficientemente. O mais comumente apresentado são abordagens que priorizam um ou alguns desses aspectos, deixando uma lacuna que pode resultar em



problemas como falta de público em unidades informacionais, baixa abrangência ou aspectos de colonização. (OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2015).

Um exemplo prático são centros culturais que, na perspectiva dos profissionais que os planejam e gerenciam, oferecem amplas e modernas bibliotecas, com acervos diversificados e sedutores, e que na prática ficam sem acesso, o que pode ser um indício de que houve uma desconsideração das características culturais das sociedades que desejam atender, bem como da necessidade de adaptação de serviços para tais leitores. (OLIVEIRA, 2014).

Quando se desconsidera a intencionalidade e influência por traz do objetivo da mediação fica mais difícil controlar o quanto esses aspectos influenciarão no resultado. Assumir que o mediador possui impacto, possui subjetividade, o auxilia a lidar com isso, tentando buscar a neutralidade conscientemente em sua atuação. (ILHARCO, 2003).

Quando se entende o mundo do leitor e tenta-se estabelecer uma negociação entre as culturas envolvidas, num processo construtivo e não de exclusão, têm-se a possibilidade de trabalhar a mediação em sua ampla complexidade e ética, criando novos significados e aprendizagens para a área da Ciência da Informação e para a Sociedade, numa construção significativa entre teoria e práxis. (OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2015).

O processo de mediar a leitura escrita nesse âmbito, por exemplo, pode significar a inclusão de pessoas no reconhecimento da leitura escrita como processo habitual, aceitável, e não em sobreposição aos que já utiliza (como a oralidade), a ponto de tal hábito (escrita) ser incorporado culturalmente, tornando-se uma mediação natural, ou seja, o antes leitor que não tinha contato com a leitura escrita pode se tornar o novo mediador de leitura, pois ele poderá entender a importância de ambos os aspectos em sua vida (oralidade e escrita) e, principalmente, que um não deve se sobrepor ao outro, mas complementar-se, podendo então replicar essa nova “realidade” para outros envolvidos em seu círculo social. (SETZER, 2001; BORTOLIN, 2010; FREIRE, 2005; ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

A mediação da informação, em sua complexidade, não possui um fim propriamente, e por isso a simples ideia de transposição precisa ser questionada, pois seu objetivo na apropriação da informação e construção do conhecimento segue caminhos pela busca de um pensamento complexo, iniciando uma corrente de novos questionamentos, e não finalização de questionamentos – é um descobrir e ampliar, e não um simples questionar e responder.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Objetivo Geral deste trabalho foi analisar aspectos da natureza da mediação sob uma visão fenomenológica, buscando identificar e entender o momento em que o processo da mediação inicia e como se perpetua em diferentes realidades complexas.

Quanto a isso, conclui-se que, a partir das concepções estudadas: Hegel (numa perspectiva filosófica), Marx (social) e Vygotsky (psicológica educacional), apresentadas e discutidas, identificou-se que a atividade de mediar ancora-se na busca do impacto no desenvolvimento humano, “trabalhando”, por assim dizer, no âmbito imaterial da consciência e do processo cognitivo humano – ela carrega características de transformação, evolução e/ou superação, ressaltando a importância de espaços sociais (mesmo que em diferentes perspectivas), da apropriação, e dos impactos recíprocos ou reflexivos materiais da mediação (também com diferentes abordagens).

Portanto, pode-se considerar que a intencionalidade é um ponto de partida para a mediação e assim, também uma condição para que um fenômeno seja considerado uma propriamente uma mediação.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira dos (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. v. 1, p. 33-45.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elizabeth da (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008. p. 67-86.
- BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista de Marília, 2010.
- BRAGA, W. D. Mediação e processos de compreensão intersubjetiva das representações sociais do Trabalho. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. A02, 2004.
- COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 37-45, 2000. Disponível em: [http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/fenomenologia\\_modernidade.pdf](http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/fenomenologia_modernidade.pdf). Acesso em: 15 ago. 2019.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. 8. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



GALEFFI, D. A. O que é isto – a fenomenologia de Husserl? **Ideação**, Feira de Santana, n. 5, p. 13-36, jan./jun. 2000.

GALLAGHER, S. Taking stock of phenomenology futures. **Southern Journal of Philosophy**, Memphis, v. 50, n. 2, 304–318, 2012.

GARCIA, S. R. R. **Um estudo do termo mediação na teoria da modificabilidade cognitiva estrutural de Feuerstein à luz da abordagem sócio-histórica de Vygotsky**: um estudo teórico. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Marcos, São Paulo, 2004.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. [1807]. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2289](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=2289). Acesso em: 20 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Filosofy of History**. Kitchener: Batoche Books, 2001.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **The idea of phenomenology**. Boston: Kur Academic Pulshs, 1999. Volume VIII

ILHARCO, F. **Filosofia da informação**: uma introdução como fundação da acção, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica, 2003.

MARX, K. **O Capital**: livro 1. [1867]. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=4360](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=4360). Acesso em: 21 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Para uma crítica da economia política**. [1859]. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2285](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=2285). Acesso em: 21 set. 2020.

MARTINS, O. B.; MOSER, A. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 7, n. 13, p. 8-28, 2012.

MORAES, R.; GLIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas facetas. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OLIVEIRA, A. L. **A negociação cultural**: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O. Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 7, n. 7, 2008.

OLIVEIRA, H. C. C. **A mediação em projetos de incentivo à leitura**: a apropriação da informação para construção do conhecimento e do pensamento crítico. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2015.

SCHUTZ, A. S. **Phenomenology and Social Relations**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

SETZER, V. W. **Os meios eletrônicos e a educação**: uma visão alternativa. São Paulo: Escrituras, 2001.

SILVA, C. R.; SILVA, L. F.; MARTINS, S. T. F. Marx, ciência e educação: a práxis transformadora como mediação para a produção do conhecimento. **Educação e Marxismo**, Bauru, v. 1, n. 1,



p. 7-18, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

ZLATEV, J. Phenomenology and Cognitive Linguistics. In: GALLAGHER, Shaun; SCHMICKING, Dan (Ed.) **Handbook on Phenomenology and Cognitive Science**. Dordrecht: Springer, 2009. p. 415-446.